

# América

# Editorial

EDITORIAL REVISTA AMÉRICA #5  
MEMÓRIA COMO REPARAÇÃO: TERRITÓRIO,  
MUSEOLOGIA E AGENTES POLÍTICOS

Assim como o arqueólogo remonta, de restos de paredes ainda em pé, as paredes do edifício, e de depressões no solo, o número e a posição dos pilares; e como reproduz de restos soterrados nos escombros os enfeites de parede antigos e as pinturas na parede, também assim procede o analista quando tira suas conclusões sobre o analisado a partir de fragmentos de recordação, associações e manifestações ativas. Ambos mantêm, sem contestação, o direito de reconstruir a partir do acréscimo e da montagem dos restos remanescentes. (Sigmund Freud, *Construção na análise*. In: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas de Transformações da Memória Cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011, p.174-175.)

O quinto número da publicação da América – Revista de Pós-Graduação da Escola da Cidade, intitulada Memória como reparação: território, museologia e agentes políticos, é o desdobramento do 4º Ciclo Aberto Urgências e Insurgências que se realizou no âmbito da pós-graduação Cidades em Disputa, coordenado por Amália dos Santos e Glória Kok, em parceria com a Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência (REBRAPESC). Composta de três seções – Dossiê, Artigos e Projetos –, a publicação se propõe a divulgar artigos e projetos inéditos, submetidos à avaliação cega por pares.

O presente Dossiê reúne seis artigos e uma resenha, de autoras e autores integrantes da REBRAPESC e em parceria, cujo fio condutor percorre movimentos e estratégias de memórias, que foram submetidas a diversas formas de violência e são capazes de descobrir fragmentos, vestígios, pistas em diversos espaços descontínuos da América Latina, tais como o deserto, a periferia, o campo, o cárcere, o bairro de uma cidade, os museus e os memoriais. Na maioria das vezes, são lugares que passaram por traumas e apagamentos.<sup>1</sup>

Na abertura da publicação, o texto “Lutar pela memória duradoura e infinitamente”, de autoria do psicanalista e professor da Universidade de São Paulo Paulo Endo, ilumina o conceito de memória, suas estratégias e lutas pelo direito de existir “contra as intempéries do desaparecimento”. Nesse contexto, o memorial físico, um sítio de memória ou um centro de memória, que constituem patrimônios públicos, têm o potencial de ancorar as memórias dos sobreviventes que viveram experiências

EDITORIAL REVISTA AMÉRICA #5  
MEMÓRIA COMO REPARAÇÃO: TERRITÓRIO,  
MUSEOLOGIA E AGENTES POLÍTICOS

Del mismo modo que el arqueólogo reconstruye —a partir de los restos de muros aún en pie— los muros de un edificio, y a partir de las depresiones en el suelo, el número y la posición de los pilares; y así como reproduce, de los vestigios sepultados bajo los escombros, los antiguos ornamentos y las pinturas murales, así también procede el analista al extraer sus conclusiones sobre el analizado a partir de fragmentos de recuerdos, asociaciones e interferencias activas. Ambos mantienen, sin cuestionamiento, el derecho de reconstruir a partir de la adición y el montaje de los restos remanentes.(Sigmund Freud, *Construcción na análise*. In: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas de Transformações da Memória Cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011, p.174-175. traducción nuestra)

El quinto número de la publicación de América – Revista de Posgrado de la Escuela da Cidade, titulado *Memória como reparação: território, museologia e agentes políticos*, constituye el despliegue del 4º *Ciclo Aberto Urgências e Insurgências*, realizado en el marco del posgrado *Cidades em Disputa*, coordinado por Amália dos Santos y Glória Kok, en colaboración con la Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência (REBRAPESC). Compuesta por tres secciones — dossier, artículos y proyectos—, la publicación se propone difundir artículos y proyectos inéditos, sometidos a una evaluación por pares bajo el sistema de doble ciego.

El presente dossier reúne seis artículos y una reseña de autoras y autores integrantes de la REBRAPESC y colaboradores, cuyo hilo conductor recorre movimientos y estrategias de memoria que fueron sometidas a diversas formas de violencia. Estas estrategias son capaces de descubrir fragmentos, huellas y pistas en diversos espacios discontinuos de América Latina, tales como el desierto, la periferia, el campo, la cárcel, el barrio de una ciudad, los museos y los memoriales. En la mayoría de los casos, se trata de lugares marcados por traumas y borramientos.<sup>1</sup>

En la apertura de la publicación, el texto *Lutar pela memória duradoura e infinitamente*, de autoria del psicoanalista y profesor de la Universidad de São Paulo Paulo Endo, ilumina el concepto de memoria, sus estrategias y luchas por el derecho a existir “contra

EDITORIAL REVISTA AMÉRICA #5  
MEMÓRIA COMO REPARAÇÃO: TERRITÓRIO,  
MUSEOLOGIA E AGENTES POLÍTICOS

Just as the archaeologist rebuilds the walls of a building from the remains of walls still standing, and determines the number and position of the pillars from depressions in the soil; and just as he reproduces from remains buried in the rubble the ancient wall ornaments and paintings, so too does the analyst proceed when drawing conclusions about the analysand from fragments of memory, associations, and active manifestations. Both maintain, beyond dispute, the right to reconstruct through the addition and assembly of the remaining vestiges. (Sigmund Freud, *Construção na análise*. In: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas de Transformações da Memória Cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011, p.174-175. translation our own)

The fifth issue of América – Graduate Journal of Escola da Cidade, titled Memória como reparação: território, museologia e agentes políticos, is the outcome of the 4º Ciclo Aberto Urgências e Insurgências. This cycle was held within the framework of the Cidades em Disputas graduate program, coordinated by Amália dos Santos and Glória Kok, in partnership with the Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência (REBRAPESC). Comprising three sections—Dossier, Articles, and Projects—the publication aims to disseminate original articles and projects, all submitted to double-blind peer review.

The present dossier gathers six articles and one review, written by members and partners of REBRAPESC. Its guiding thread traces memory movements and strategies that have survived various forms of violence and are capable of uncovering fragments, vestiges, and clues across the discontinuous spaces of Latin America—such as the desert, the periphery, the countryside, the prison, the city neighborhood, museums, and memorials. In most cases, these are sites that have endured trauma and erasure.<sup>1</sup>

Opening the publication, the text *Lutar pela memória duradoura e infinitamente*, by psychoanalyst and University of São Paulo professor Paulo Endo, illuminates the concept of memory, its strategies, and the struggles for the right to exist “against the weathers of disappearance”. In this context, physical memorials, sites of memory, or memory centers—which constitute public heritage—have the potential to anchor the memories of survivors who endured painful and traumatic

dolorosas e traumáticas. “Hoje penso que um memorial também é um ambiente onde se elabora a possibilidade de esquecer sem culpa e lembrar com saudades”, afirma o autor, dando ênfase à experiência de visitar os memoriais. Nesse processo imersivo, o visitante é capaz de “produzir vida em si a partir daqueles que queriam tanto viver e foram impedidos de ter em vida a sua morte morrida e não matada. E que agora, no ato de conhecer, estar e celebrar essas vidas, elas animosamente ressuscitam por nós e em nós”.

No depoimento de Mãe Zana de Odé, “A voz das águas: memória e reparação (em debate)”, a Iyalorixá fala sobre a destruição de seu terreiro, o Ilê Asé Odé Ibulamo, no dia 15 de dezembro de 2022, pela ação da Prefeitura do Município de Carapicuíba, em São Paulo. A justificativa para o crime cometido foi a necessidade de realização das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), sobretudo a canalização do Córrego do Cadaval, cujas águas corriam a céu aberto diante do terreiro. Como consequência de tamanha violência, Mãe Zana duvida que seja possível um processo de reparação pleno, porque parte dos laços afetivos, religiosos e espirituais da comunidade do Ilê se romperam com a ausência do “barracão” demolido. Conta a Iyalorixá:

Mãe Zana de Odé, em 2022.

O que nos sobrou foi o corpo-território, porque a gente só tem o que está guardado conosco. A gente está no processo do transatlântico negroiro, de quando as pessoas vieram nuas e trouxeram apenas as suas memórias. O Ilê Asé Odé Ibulamo e seu povo estão na condição de escravizados no navio negroiro. E a gente ainda está navegando no mar, dentro do navio negroiro. Nós estamos nessa condição hoje.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

Nesse processo de aniquilamento do terreiro e de sua comunidade, não existe mais espaço para fazer os encontros, as festas, os rituais, as comidas, as manifestações culturais e compartilhar experiências de vida. Só restaram as memórias ancestrais.

No artigo “Do corpo presente: a experiência de caminhar pela história da cidade”, a antropóloga e historiadora Paula Janovich, em sua pesquisa “histórias andarilhas”, apresenta o roteiro de caminhada pelo bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, realizando uma rica intersecção entre a experiência do caminhante no território e as produções acadêmicas. Nesse percurso, desvenda, passo a passo, a história da antiga zona de meretrício do bairro, onde as prostitutas sofreram um confinamento, entre 1940 e 1953, nas ruas Aimorés e Itaboca, atual Professor Cesare Lombroso. O Estado, portanto, circunscreveu oficialmente o espaço de controle sobre os corpos de mais de mil mulheres que trabalhavam e ganhavam a vida nas ruas.

Valendo-se de fotografias, publicações e guias, a autora recupera histórias, experiências, materialidades e memórias sensíveis dessas prostitutas que foram apagadas das ruas. “A sensação que tenho cada vez que finalizo um percurso e olho as imagens que alguns participantes compartilham comigo é que existe um texto sendo escrito na rua de forma coletiva e espacial”, comenta a autora. Um texto que contribui para conhecermos melhor as histórias invisíveis da cidade de São Paulo.

as intempéries do desaparecimento”. En este contexto, el memorial físico, un sitio de memoria o un centro de memoria —que constituyen patrimonios públicos—, tienen el potencial de anclar las memorias de los sobrevivientes que vivieron experiencias dolorosas y traumáticas."Hoy pienso que un memorial también es un ambiente donde se elabora la posibilidad de olvidar sin culpa y recordar con nostalgia”, afirma el autor, enfatizando la experiencia de visitar los memoriales. En este proceso inmersivo, el visitante es capaz de “producir vida en sí a partir de aquellos que tanto querían vivir y a quienes se les impidió tener, en vida, su muerte morida y no matada. Y que ahora, en el acto de conocer, estar y celebrar esas vidas, ellas animosamente resucitan por nosotros y en nosotros”.

En el texto de Mãe Zana de Odé, *A voz das águas: memória e reparação (em debate)*, la Iyalorixá relata la destrucción de su centro religioso (terreiro), el Ilê Asé Odé Ibulamo, el 15 de diciembre de 2022, por acción de la Alcaldía del Municipio de Carapicuíba, en São Paulo. La justificación para el crimen cometido fue la necesidad de ejecutar las obras del *Programa de Aceleração do Crescimento* (PAC), especialmente la canalización del arroyo (*Córrego*) del Cadaval, cuyas aguas corrían a cielo abierto frente al templo. Como consecuencia de semejante violencia, Mãe Zana duda que sea posible un proceso de reparación pleno, ya que parte de los lazos afectivos, religiosos y espirituales de la comunidad del Ilê se rompieron con la ausencia del *barracão* demolido. Relata la Iyalorixá:

Lo que nos quedó fue el cuerpo-territorio, porque solo tenemos lo que guardamos con nosotros. Estamos en el proceso del transatlántico negroiro, de cuando las personas llegaron desnudas y trajeron apenas sus memorias. El Ilê Asé Odé Ibulamo y su pueblo están en la condición de esclavizados en el navio negroiro. Y todavía estamos navegando en el mar, dentro del navio negroiro. Nosotros estamos en esa condición hoy.

En este proceso de aniquilamiento del *terreiro* y de su comunidad, ya no existe espacio para realizar los encuentros, las fiestas, los rituales, las comidas, las manifestaciones culturales y compartir experiencias de vida. Solo han quedado las memorias ancestrales.

En el artículo *Do corpo presente: a experiência de caminhar pela história da cidade*, la antropóloga e historiadora Paula Janovich, en su investigación "*histórias andarilhas*", presenta el itinerario de una caminata por el barrio de Bom Retiro, en la ciudad de São Paulo, realizando una rica intersección entre la experiencia del caminante en el territorio y las producciones académicas. En este recorrido, desvela, paso a paso, la historia de la antigua zona de prostitución del barrio, donde las trabajadoras sexuales sufrieron un confinamiento entre 1940 y 1953, en las calles Aimorés e Itaboca (actual Professor Cesare Lombroso). El Estado, por lo tanto, circunscribió oficialmente el espacio de control sobre los cuerpos de más de mil mujeres que trabajaban y se ganaban la vida en las calles.

Valiéndose de fotografías, publicaciones y guías, la autora recupera historias, experiencias, materialidades y memorias sensibles de estas trabajadoras sexuales

experiences. "Today, I believe that a memorial is also an environment where one elaborates the possibility of forgetting without guilt and remembering with longing" the author states, emphasizing the experience of visiting memorials. In this immersive process, the visitor is able to “produce life within themselves from those who wanted so much to live and were prevented from having, in life, their natural death and not a ‘killed’ death. And now, in the act of knowing, being, and celebrating these lives, they spiritedly resurrect through us and within us”.

In the testimony of Mãe Zana de Odé, *A voz das águas: memória e reparação (em debate)* the Iyalorixá speaks about the destruction of her terreiro, the Ilê Asé Odé Ibulamo, on December 15, 2022, by the action of the Municipality of Carapicuíba, in São Paulo. The justification for the crime committed was the need to carry out works for the Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), specifically the channeling of the Cadaval Creek, whose waters ran openly in front of the temple. As a consequence of such profound violence, Mãe Zana doubts that a full process of reparation is possible, because part of the affective, religious, and spiritual bonds of the Ilê community were broken with the absence of the demolished “barracão” (main hall). The Iyalorixá recounts:

What we have left is the body-territory, because we only have what is kept within us. We are in the process of the transatlantic slave ship, like when people came naked and brought only their memories. Ilê Asé Odé Ibulamo and its people are in the condition of the enslaved on the slave ship. And we are still sailing the sea, inside that ship. That is our condition today.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

In this process of annihilating the terreiro and its community, there is no longer a space to hold gatherings, festivals, rituals, meals, or cultural manifestations, nor to share life experiences. All that remains are the ancestral memories.

In the article Do corpo presente: a experiência de caminhar pela história da cidade anthropologist and historian Paula Janovich, in her "wandering histories" (histórias andarilhas) research, presents a walking route through the Bom Retiro neighborhood in São Paulo. She creates a rich intersection between the walker’s experience in the territory and academic production. Along this path, she reveals, step by step, the history of the neighborhood’s former red-light district, where sex workers were subjected to confinement between 1940 and 1953 on Aimorés and Itaboca streets (now Professor Cesare Lombroso Street). The State, therefore, officially circumscribed a space of control over the bodies of more than a thousand women who worked and earned their living on the streets.

Drawing on photographs, publications, and guides, the author recovers the stories, experiences, materialities, and sensitive memories of these sex workers who were erased from the streets. "The feeling I have every time I finish a journey and look at the images that some participants share with me is that there is a text being written in the street in a collective and spatial way” the author remarks. This is a text that helps us better understand the invisible histories of the city of São Paulo.

Em “As cartas do cárcere e a linguagem epistolar como instrumento de subjetivação”, Giovane Rodrigues Jardim, docente de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Erechim, e a doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL) e docente da rede municipal de ensino de Erechim, Cristiéle Santos de Souza, analisam a linguagem epistolar de dez condenados detidos no Centro de Detención Preventiva y Cumplimiento Penitenciario Especial Punta Peuco (Chile), por crimes contra a humanidade, cometidos durante a ditadura do Chile (1973-1990). As chamadas *cartas de perdón* se alicerçam nos modelos mundialmente conhecidos das correspondências de Adolf Eichmann, nazista e organizador do Holocausto, e as da sobrevivente Eva Mozes Kor.

No contexto da ditadura chilena, os prisioneiros elaboraram essas cartas para pedir perdão pelas atrocidades cometidas, manifestando publicamente a responsabilidade, a culpa e o arrependimento pelos crimes. “A partir da leitura dessas cartas, buscamos compreender e delinear as circunstâncias de sua produção, as subjetividades de seus autores e, sobretudo, as ausências, isto é, o que não está dito, o que não seria possível escrever, o que optaram por omitir e as questões que deixaram em aberto”, analisam os autores. Esses documentos denunciam os atos de violência ao mesmo tempo que se configuram como uma ação política para a coletividade.

Ana Paula Brito, professora de Museologia no Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE, e Alane Lima, presidenta do Memorial das Ligas Camponesas, assinam o artigo “As memórias de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver em seu centenário no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC)”, em homenagem aos 100 anos de vida e de luta pelo direito à terra a Elizabeth Altina Teixeira, nascida em 13 de fevereiro em Sapé, na Paraíba.

No período da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985), seu marido, o líder camponês João Pedro foi assassinado. Diante de seu corpo, ela declara: “João Pedro, eu marcharei a sua luta!”. Entrou na clandestinidade (1964-1981) com o nome de Marta Maria da Costa, numa comunidade do Rio Grande do Norte, sendo obrigada a dispersar seus filhos. Somente em 2014, graças aos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Elizabeth conseguiu reencontrar sete dos doze filhos e, na comemoração dos seus 100 anos de vida finalmente esteve junto a eles, além de netos, bisnetos e tataranetos.

O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC), criado em casa de Elizabeth e João Pedro, em 2006, é fruto do esforço coletivo dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, configurando-se como um acervo de memórias e histórias preservadas das lutas camponesas no Nordeste. “Memória é força motriz, necessária em sua diversidade para acompanhar as novas dinâmicas sociais das lutas no presente. E ao contemplar a memória como força mobilizadora, não somente acionamos, mas também registramos as memórias do centenário de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver”, escrevem as autoras. A exposição que integra o Festival Cultural da Memória Camponesa, em Sapé, na Paraíba, intitulada “Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver” lança luz sobre as organizações camponesas,

que fueron borradas de las calles. “La sensación que tengo cada vez que finalizo un recorrido y observo las imágenes que algunos participantes comparten conmigo, es que existe un texto siendo escrito en la calle de forma colectiva y espacial”, comenta la autora. Un texto que contribuye a que conozcamos mejor las historias invisibles de la ciudad de São Paulo.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

En *As cartas do cárcere e a linguagem epistolar como instrumento de subjetivação*, Giovane Rodrigues Jardim, docente de Filosofia del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul (IFRS), campus Erechim, y la doctora en Memoria Social y Patrimonio Cultural (UFPEL) y docente de la red municipal de enseñanza de Erechim, Cristiéle Santos de Souza, analizan el lenguaje epistolar de diez condenados detenidos en el Centro de Detención Preventiva y Cumplimiento Penitenciario Especial Punta Peuco (Chile), por crímenes de lesa humanidad cometidos durante la dictadura de Chile (1973-1990). Las llamadas “cartas de perdón” se cimientan en los modelos mundialmente conocidos de las correspondencias de Adolf Eichmann, nazi y organizador del Holocausto, y las de la sobreviviente Eva Mozes Kor.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

En el contexto de la dictadura chilena, los prisioneros elaboraron estas cartas para pedir perdón por las atrocidades cometidas, manifestando públicamente la responsabilidad, la culpa y el arrepentimiento por los crímenes. “A partir da leitura dessas cartas, buscamos compreender e delinear as circunstâncias de sua produção, as subjetividades de seus autores e, sobretudo, as ausências, isto é, o que não está dito, o que não seria possível escrever, o que optaram por omitir e as questões que deixaram em aberto”, analizan los autores. Estos documentos denuncian los actos de violencia al mismo tiempo que se configuran como una acción política para la colectividad.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

Ana Paula Brito, profesora de Museología en el Departamento de Antropología y Museología de la UFPE, y Alane Lima, presidenta del Memorial de las Ligas Campesinas, firman el artículo *As memórias de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver em seu centenário no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas* (MLLC), en homenaje a los 100 años de vida y de lucha por el derecho a la tierra de Elizabeth Altina Teixeira, nacida el 13 de febrero en Sapé, Paraíba.

Durante el periodo de la dictadura cívico-militar de Brasil (1964-1985), su marido, el líder campesino João Pedro, fue asesinado. Ante su cuerpo, ella declaró: “*João Pedro, eu marcharei a sua luta!*”. Entró en la clandestinidad (1964-1981) bajo el nombre de Marta Maria da Costa, en una comunidad de Rio Grande do Norte, viéndose obligada a dispersar a sus hijos y, en la conmemoración de sus 100 años de vida, finalmente estuvo junto a ellos, además de nietos, bisnietos y tataranietos.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

El Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC), creado en la casa de Elizabeth y João Pedro en 2006, es fruto del esfuerzo colectivo de los trabajadores y trabajadoras del campo, configurándose como un acervo de memorias e historias preservadas de las luchas campesinas en el Nordeste. “La memoria es fuerza motriz,

In the article As cartas do cárcere e a linguagem epistolar como instrumento de subjetivação Giovane Rodrigues Jardim, Philosophy professor at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS), Erechim campus, and Cristiéle Santos de Souza, PhD in Social Memory and Cultural Heritage (UFPEL) and professor in the municipal school system of Erechim, analyze the epistolary language of ten convicts held at the Punta Peuco Special Penitentiary and Preventive Detention Center (Chile). These individuals were imprisoned for crimes against humanity committed during the Chilean dictatorship (1973–1990). The so-called “letters of forgiveness” (cartas de perdón) are grounded in the globally known models of correspondence by Adolf Eichmann, the Nazi organizer of the Holocaust, and those of survivor Eva Mozes Kor.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

In the context of the Chilean dictatorship, the prisoners drafted these letters to ask for forgiveness for the atrocities committed, publicly manifesting responsibility, guilt, and remorse for their crimes. “From the reading of these letters, we seek to understand and outline the circumstances of their production, the subjectivities of their authors and, above all, the absences—that is, what is left unsaid, what would not be possible to write, what they chose to omit, and the questions they left open” the authors analyze. These documents denounce acts of violence while simultaneously functioning as a political action for the collectivity.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

Ana Paula Brito, Professor of Museology in the Department of Anthropology and Museology at UFPE, and Alane Lima, President of the Memorial of the Peasant Leagues, co-author the article As memórias de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver em seu centenário no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC). This work pays tribute to the 100 years of life and struggle for land rights of Elizabeth Altina Teixeira, born on February 13 in Sapé, Paraíba.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

During Brazil's civil-military dictatorship (1964–1985), her husband, the peasant leader João Pedro, was assassinated. Facing his body, she declared: “João Pedro, eu marcharei a sua luta!” She went underground (1964–1981) under the name Marta Maria da Costa in a community in Rio Grande do Norte, forced to disperse her children. It was only in 2014, thanks to the work of the Comissão Nacional da Verdade (CNV), that Elizabeth managed to reunite with seven of her twelve children. In the celebration of her 100th birthday, she was finally with them, as well as her grandchildren, great-grandchildren, and great-great-grandchildren.

Mãe Zana de Odé, em 2022.

The Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC), established in 2006 in the former home of Elizabeth and João Pedro, is the result of the collective effort of rural workers. It serves as an archive of preserved memories and histories of peasant struggles in the Northeast. “Memory is a driving force, necessary in its diversity to accompany the new social dynamics of today’s struggles. By contemplating memory as a mobilizing force, we not only activate but also record the memories of the centenary of Elizabeth Teixeira, a woman marked for living” the authors write. The exhibition that is part of the Peasant Memory Cultural Festival in Sapé,

suas lutas e compromissos, que foram historicamente marginalizadas e apagadas da história do Brasil.

Na sequência deste Dossiê, “Narrativas da Persistência: Dopinho e a Dinâmica da Memória contra o Esquecimento”, a advogada e ativista cultural Jacqueline Custódio discute a eficácia do processo de patrimonialização de bens culturais como gatilhos de rememoração e aprendizagem, principalmente no contexto de memórias traumáticas. A partir desse questionamento, a autora estuda o caso paradigmático do prédio do Dopinho, que funcionou, desde 1966 até aproximadamente 1976, em Porto Alegre, como centro de detenção e tortura dos membros das Forças Armadas e da polícia civil durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Com a democratização do país e no contexto da justiça de transição, a patrimonialização e a musealização do edifício tornam-se essenciais tanto para a manutenção das memórias das vítimas como no combate da impunidade dos agentes militares responsáveis. No entanto, os desafios e as resistências enfrentados nos campos políticos, burocráticos e sociais, impossibilitaram a implementação de memorial, capaz de promover justiça, verdade, memória e reparação. Analisa a autora:

O Dopinho em 1966

O Dopinho, primeiro centro clandestino de detenção do Cone Sul, é um exemplo emblemático de como a patrimonialização e a musealização são frequentemente negligenciados pelas políticas públicas. A oscilação entre tentativas de preservação tentativas de preservação e tentativas de apagamento histórico demonstra que, no Brasil, as políticas de memória não são tratadas como questões do Estado, mas sim como agendas do governo, sujeitas às mudanças políticas e ideológicas.

O Dopinho em 1966

Não à toa esse legado do regime autoritário da ditadura civil-militar, que passou incólume às condenações das violações dos direitos humanos, voltou a assombrar Brasília nas ações perpetradas na tentativa de golpe do ex-presidente Jair Bolsonaro em 8 de janeiro de 2023.

Já no último texto deste dossiê, “Estradas tortuosas para o Memorial DOI-CODI (São Paulo, Brasil), a historiadora Deborah Neves analisa a formação da Operação Bandeirante (Oban) em 1969, por meio de um consórcio formado pelo Governo do Estado de São Paulo, pelo Exército e por grandes empresas. O órgão foi responsável durante os combates à “guerrilha urbana” por ao menos 7 mil interrogatórios, nos quais as vítimas eram submetidas à tortura, além de 17% dos desaparecimentos políticos durante a ditadura civil-militar brasileira, tendo, assim, influenciado a violenta política de segurança pública, vigente nos dias de hoje. Em 1970, passou a ser denominado de Destacamento de Operações de Informações (DOI), subordinado ao Centro de Operações de Defesa Interna (CODI), cujo o modelo foi difundido de São Paulo para outras cidades brasileiras, organizando um sistema de segurança nacional, que foi desmantelado em 1982.

Nas palavras de Deborah Neves:

O local das antigas instalações do Oban/DOI-Codi em São Paulo foi reconhecido como patrimônio cultural e sítio arqueológico. Descobertas recentes das inscrições das pessoas que lá foram sequestradas e dos objetos o tornam ainda mais valioso para o estudo da memória

necesaria en su diversidad para acompañar las nuevas dinámicas sociales de las luchas en el presente. Y al contemplar la memoria como fuerza movilizadora, no solo accionamos, sino que también registramos las memorias del centenario de Elizabeth Teixeira, mujer marcada para vivir”, escriben las autoras. La exposición que integra el Festival Cultural de la Memoria Campesina en Sapé (Paraíba), titulada *Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver*, arroja luz sobre las organizaciones campesinas, sus luchas y compromisos, que fueron históricamente marginalizadas y borradas de la historia de Brasil.

O Dopinho em 1966

En la secuencia de este Ddosier, *Narrativas da Persistência: Dopinho e a Dinâmica da Memória contra o Esquecimento*, la abogada y activista cultural Jacqueline Custódio discute la eficacia del proceso de patrimonialización de bienes culturales como activadores de rememoración y aprendizaje, principalmente en el contexto de memorias traumáticas. A partir de este cuestionamiento, la autora estudia el caso paradigmático del edificio del Dopinho, que funcionó desde 1966 hasta aproximadamente 1976, en Porto Alegre, como centro de detención y tortura de miembros de las Fuerzas Armadas y de la policía civil durante la dictadura cívico-militar en Brasil.

O Dopinho em 1966

Con la democratización del país y en el contexto de la justicia de transición, la patrimonialización y la musealización del edificio se vuelven esenciales, tanto para el mantenimiento de las memorias de las víctimas como para el combate contra la impunidad de los agentes militares responsables. Sin embargo, los desafíos y las resistencias enfrentados en los campos políticos, burocráticos y sociales, imposibilitaron la implementación de un memorial capaz de promover justicia, verdad, memoria y reparación. Analiza la autora:

O Dopinho em 1966

El Dopinho, primer centro clandestino de detención del Cono Sur, es un ejemplo emblemático de cómo la patrimonialización y la musealización son frecuentemente descuidadas por las políticas públicas. La oscilación entre los intentos de preservación y los intentos de borramiento histórico demuestra que, en Brasil, las políticas de memoria no se tratan como cuestiones de Estado, sino como agendas de gobierno, sujetas a los cambios políticos e ideológicos.

O Dopinho em 1966

No es casualidad que este legado del régimen autoritario de la dictadura cívico-militar —que pasó incólume a las condenas por las violaciones de los derechos humanos— haya vuelto a asombrar a Brasilia en las acciones perpetradas durante el intento de golpe del expresidente Jair Bolsonaro, el 8 de enero de 2023.

O Dopinho em 1966

En el último texto de este dossier, *Estradas tortuosas para o Memorial DOI-CODI (São Paulo, Brasil)*, la historiadora Deborah Neves analiza la formación de la Operación Bandeirante (Oban) en 1969, a través de un consorcio formado por el Gobierno del Estado de São Paulo, el Ejército y grandes empresas. El organismo fue responsable, durante los combates a la *guerrilha urbana*, de al menos 7 mil interrogatorios en los cuales las víctimas eran sometidas a tortura, además del 17% de las desapariciones políticas durante la dictadura cívico-militar brasileña, habiendo influido así en la violenta política de seguridad pública vigente en la actualidad. En 1970, pasó

Paraíba, titled Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver sheds light on peasant organizations, their struggles, and commitments, which have been historically marginalized and erased from Brazilian history. Following the dossier, in the article Narrativas da Persistência: Dopinho e a Dinâmica da Memória contra o Esquecimento lawyer and cultural activist Jacqueline Custódio discusses the effectiveness of the patrimonialization process of cultural assets as triggers for remembrance and learning, especially in the context of traumatic memories. Based on this inquiry, the author studies the paradigmatic case of the Dopinho building, which operated from 1966 to approximately 1976 in Porto Alegre as a detention and torture center for members of the Armed Forces and the civil police during Brazil’s civil-military dictatorship. With the country’s democratization and within the context of transitional justice, the patrimonialization and museumification of the building become essential, both for maintaining the memories of the victims and for combating the impunity of the military agents responsible. However, the challenges and resistances faced in the political, bureaucratic, and social spheres have made it impossible to implement a memorial capable of promoting justice, truth, memory, and reparation. The author analyzes:

O Dopinho em 1966

The Dopinho, the first clandestine detention center in the Southern Cone, is an emblematic example of how patrimonialization and museumification are frequently neglected by public policies. The oscillation between attempts at preservation and attempts at historical erasure demonstrates that, in Brazil, memory policies are not treated as State issues, but rather as government agendas, subject to political and ideological shifts.

O Dopinho em 1966

It is no coincidence that this legacy of the authoritarian civil-military regime —which remained unscathed by convictions for human rights violations— returned to haunt Brasília in the actions perpetrated during the attempted coup by former president Jair Bolsonaro on January 8, 2023.

O Dopinho em 1966

In the final text of this dossier, *Estradas tortuosas para o Memorial DOI-CODI (São Paulo, Brasil)* historian Deborah Neves analyzes the formation of Operação Bandeirante (Oban) in 1969 through a consortium formed by the Government of the State of São Paulo, the Army, and major corporations. During the crackdown on "urban guerrilla" movements, this agency was responsible for at least 7,000 interrogations in which victims were subjected to torture. It also accounted for 17% of the political disappearances during the Brazilian civil-military dictatorship, thereby influencing the violent public security policies still in effect today. In 1970, it was renamed the Information Operations Detachment (DOI), subordinated to the Internal Defense Operations Center (CODI), a model that spread from São Paulo to other Brazilian cities, organizing a national security system that was only dismantled in 1982.

In the words of Deborah Neves:

O Dopinho em 1966

The site of the former Oban/DOI-CODI facilities in São Paulo has been recognized as a cultural heritage site and an archaeological site. Recent discoveries of inscriptions left by kidnapped individuals

das ditaduras; há um desejo de garantir a permanência dos objetos em seu ambiente original e aumentar o acesso público a eles. No entanto, os edifícios permanecem sem uso e com acesso limitado, o que limita sua importância como um lugar de memória e história. A existência de um museu virtual permitirá um acesso amplo e difuso não só aos edifícios, mas também ao conhecimento a partir deles produzido, preservando assim o sítio arqueológico e o patrimônio. Sua vocação museológica já foi expressa. Mas até que a decisão política de instalar o museu-memorial em seu local natural seja tomada, é justo que a sociedade tenha acesso a esse espaço, mesmo que seja virtual.

O Dopinho em 1966

Em contraposição à recusa do governo do Estado de São Paulo no que tange à criação do Museu-Memorial DOI-Codi que preserve os lugares de memória e da história da ditadura civil-militar brasileira, Neves propõe como saída ao impasse um Memorial Virtual que contribua, de modo definitivo, para o fortalecimento da democracia, Finalizando o presente Dossiê, a arquiteta Maria Clara dos Santos nos brinda com a resenha “Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil”, que relata, pelas mãos do escritor paraibano, a vida de um prisioneiro desmemoriado e submetido a condições sub-humanas, que transita repetidamente entre a cela, o pátio e o grito, em uma prisão sem nome. “Quando não se tem memória”, esclarece Maria Clara, “só se conhece aquilo que se vive”, ou seja, apenas a fugacidade do momento.

A seção de artigos deste número começa com as autoras Juliete Lenoir e Liza Maria Souza de Andrade que tratam do importante papel das plataformas online na ampliação da participação popular a partir do trabalho do laboratório Periférico da Universidade de Brasília. Depois apresentamos o artigo “Mãe Sylvia da Oxalá: luta e história para patrimonializar o primeiro terreiro de candomblé no estado de São Paulo”, escrito por Eunice Gonçalves Queiroz e Henrique Cunha Junior. O artigo trata da arquitetura do Axé Ilê Obá, o primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) em 1990. Fechando esta seção temos “Os tempos da fotografia de arquitetura e de paisagens urbanas”, escrito por Roberta Felipe Viégas, tratando da relação entre a fotografia de arquitetura e paisagem urbana e o tempo, o texto aborda os diferentes tempos contidos nas imagens.

A seção de projetos é composta por projetas que investigam, refletem e compartilham dos temas de pré-existência, memória e lugar em diferentes escalas, da escala urbana à casa. O projeto “Casa Hospedaria para o Assentamento Contestado”, de Leonardo Junior, abre a seção enfrentando o desafio de realizar uma proposição neste contexto rural, considerando as preexistências do assentamento e procurando atender demandas atuais da comunidade. Na sequência, a “Casa de praia no Igarapé do Papagaio”, do arquiteto Marcelo de Borborema Correia, outro projeto para uma área rural e de natureza farta que aproveita madeiras nativas de manejo florestal para a estrutura da cobertura que promove as trocas de calor e garante conforto na construção. E logo temos um projeto em contexto urbano

a denominarse Destacamento de Operaciones de Información (DOI), subordinado al Centro de Operaciones de Defensa Interna (CODI), cuyo modelo se difundió desde São Paulo a otras ciudades brasileñas, organizando un sistema de seguridad nacional que fue desmantelado en 1982.

En las palabras de Deborah Neves:

El lugar de las antiguas instalaciones del Oban/DOI-Codi en São Paulo fue reconocido como patrimonio cultural y sitio arqueológico. Descubrimientos recientes de las inscripciones de las personas que allí fueron secuestradas y de sus objetos lo vuelven aún más valioso para el estudio de la memoria de las dictaduras; existe el deseo de garantizar la permanencia de los objetos en su ambiente original y aumentar el acceso público a ellos. Sin embargo, los edificios permanecen sin uso y con acceso limitado, lo que restringe su importancia como un lugar de memoria e historia. La existencia de un museo virtual permitirá un acceso amplio y difuso no solo a los edificios, sino también al conocimiento producido a partir de ellos, preservando así el sitio arqueológico y el patrimonio. Su vocación museológica ya ha sido expresada. Pero hasta que se tome la decisión política de instalar el museo-memorial en su emplazamiento natural, es justo que la sociedad tenga acceso a ese espacio, aunque sea de forma virtual.

En contraposición a la negativa del gobierno del Estado de São Paulo en lo que respecta a la creación del Museo-Memorial DOI-Codi que preserve los lugares de memoria e historia de la dictadura cívico-militar brasileña, Neves propone como salida al impasse un Memorial Virtual que contribuya, de modo definitivo, al fortalecimiento de la democracia.

Finalizando el presente dossier, la arquitecta Maria Clara dos Santos nos brinda la reseña *Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil*, que relata, de la mano del escritor paraibano, la vida de un prisionero desmemoriado y sometido a condiciones infra humanas, que transita repetidamente entre la celda, el patio y el grito, en una prisión sin nombre. “Cuando no se tiene memoria”, aclara Maria Clara, “solo se conoce aquello que se vive”, es decir, apenas la fugacidad del momento.

Finalizando el presente dossier, la arquitecta Maria Clara dos Santos nos brinda la reseña *Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil*, que relata, de la mano del escritor paraibano, la vida de un prisionero desmemoriado y sometido a condiciones infra humanas, que transita repetidamente entre la celda, el patio y el grito, en una prisión sin nombre. “Cuando no se tiene memoria”, aclara Maria Clara, “solo se conoce aquello que se vive”, es decir, apenas la fugacidad del momento.

La sección de artículos de este número comienza con las autoras Juliete Lenoir y Liza Maria Souza de Andrade, quienes abordan el importante papel de las plataformas online en la ampliación de la participación popular a partir del trabajo del laboratorio Periférico de la Universidad de Brasilia. Después, presentamos el artículo *Mãe Sylvia da Oxalá: luta e história para patrimonializar o primeiro terreiro de candomblé no estado de São Paulo*, escrito por Eunice Gonçalves Queiroz e Henrique Cunha Junior. El artículo trata sobre la arquitectura del Axé Ilê Obá, el primer terreiro de Candomblé de la ciudad de São Paulo en ser protegido (*tombado*) por el Consejo de Defensa del Patrimonio Histórico, Arqueológico, Artístico y Turístico (CONDEPHAAT) en 1990. Cerrando esta sección, tenemos *Os tempos da fotografia de arquitetura e de paisagens urbanas*, escrito por Roberta Felipe Viégas; al tratar la relación entre la fotografía de arquitectura y el paisaje urbano con el tiempo, el texto aborda los diferentes tiempos contenidos en las imágenes.

and the objects found there make it even more valuable for the study of the memory of dictatorships; there is a desire to ensure the permanence of these objects in-situ and to increase public access to them. However, the buildings remain unused and with limited access, which restricts their importance as a site of memory and history. The existence of a virtual museum will allow for broad and diffuse access, not only to the buildings but also to the knowledge produced from them, thereby preserving the archaeological site and the heritage. Its museological vocation has already been expressed. But until the political decision to install the museum-memorial in its natural location is made, it is only just that society has access to this space, even if virtually.

In opposition to the São Paulo State Government’s refusal to create the Museu-Memorial DOI-Codi —which would preserve the sites of memory and the history of the Brazilian civil-military dictatorship— Neves proposes a Virtual Memorial as a way out of this impasse. This digital initiative is intended to contribute, in a definitive manner, to the strengthening of democracy.

O Dopinho em 1966

Closing the present Dossier, architect Maria Clara dos Santos offers the review *Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil*. Through the lens of the Paraíba-born writer, she recounts the life of a prisoner stripped of memory and subjected to sub-human conditions, who repeatedly moves between the cell, the courtyard, and the scream in a nameless prison. “When one has no memory” Maria Clara explains, “one only knows what one experiences” that is, only the fugacity of the moment.

O Dopinho em 1966

The Articles Section of this issue begins with authors Juliete Lenoir and Liza Maria Souza de Andrade, who discuss the vital role of online platforms in expanding popular participation, based on the work of the Periférico Laboratory at the University of Brasilia. Next, we present the article *Mãe Sylvia da Oxalá: luta e história para patrimonializar o primeiro terreiro de candomblé no estado de São Paulo* written by Eunice Gonçalves Queiroz and Henrique Cunha Junior. The article explores the architecture of Axé Ilê Obá, the first Candomblé temple in the city of São Paulo to be listed by the Council for the Defense of Historical, Archaeological, Artistic, and Turistic Heritage (CONDEPHAAT) in 1990. Closing this section is *Os tempos da fotografia de arquitetura e de paisagens urbanas* written by Roberta Felipe Viégas. Examining the relationship between architectural photography, the urban landscape, and time, the text addresses the various layers of temporality contained within images.

The Projects Section is composed of works that investigate, reflect upon, and share the themes of pre-existence, memory, and place across different scales—from the urban territory to the individual house. The project Casa Hospedaria para o Assentamento Contestado, by Leonardo Junior, opens the section by tackling the challenge of proposing an architectural intervention in a rural context, considering the existing structures of the settlement while addressing the community’s current demands. Following this, the Casa de praia no Igarapé do Papagaio, by architect Marcelo de Borborema Correia, presents

periférico, em que o arquiteto João Pedro Mancini propõe uma outra forma de encarar os cursos d’água urbanos a partir dos saberes do Povos Tradicionais de Matriz Africana. E, encerrando o #5 da Revista América temos o projeto elaborado por Otavio Melo para o Centro Cultural Rio-África, desenvolvido para um concurso público internacional que cria, por maio do desenho, um interessante espaço de memória e cultura buscando raízes na cultura afro-brasileira.

O número 5 da Revista América da Escola da Cidade abre um novo momento da publicação, no qual os dossiês de cada número serão responsabilidade de um dos cursos pós-graduação da Escola da Cidade. Começamos pelo curso de pós-graduação Cidades em Disputa, coordenado pelas professoras Amália dos Santos e Glória Kok. As seções de artigos e projetos seguem seu fluxo contínuo com avaliação por pares e submissões em fluxo contínuo. Que o percurso pela memória e território desta edição fomente novas discussões. constantemente e submetemos aos avaliadores respeitando a ordem de chegada do material. A avaliação, no entanto, não tem um prazo pré-definido, dependendo do tempo dos avaliadores.

Amália dos Santos, Glória Kok e Maria Rios

La sección de proyectos está compuesta por propuestas que investigan, reflexionan y comparten los temas de preexistencia, memoria y lugar en diferentes escalas, desde la escala urbana hasta la vivienda. El proyecto *Casa Hospedaria para o Assentamento Contestado*, de Leonardo Junior, abre la sección enfrentando el desafío de realizar una propuesta en este contexto rural, considerando las preexistencias del asentamiento y buscando atender las demandas actuales de la comunidad. A continuación, la *Casa de praia em Igarapé do Papagaio*, del arquitecto Marcelo de Borborema Correia, presenta otro proyecto para un área rural de naturaleza exuberante que aprovecha maderas nativas de manejo forestal para la estructura de la cubierta, la cual promueve los intercambios de calor y garantiza el confort en la construcción. Seguidamente, tenemos un proyecto en un contexto urbano periférico, en el que el arquitecto João Pedro Mancini propone otra forma de encarar los cursos de agua urbanos a partir de los saberes de los Pueblos Tradicionales de Matriz Africana. Y, cerrando el número 5 de la Revista América, tenemos el proyecto elaborado por Otavio Melo para el Centro Cultural Rio-África, desarrollado para un concurso público internacional que crea, por medio del diseño, un interesante espacio de memoria y cultura buscando raíces en la cultura afrobrasileña.

El número 5 de la Revista América de la Escola da Cidade abre un nuevo momento de la publicación, en el cual los dosieres de cada número serán responsabilidad de uno de los cursos de posgrado de la Escola da Cidade. Comenzamos con el curso de posgrado *Cidades em Disputa*, coordinado por las profesoras Amália dos Santos y Glória Kok. Las secciones de artículos y proyectos siguen su flujo continuo con evaluación por pares y sumisiones abiertas permanentemente. Que el recorrido por la memoria y el territorio de esta edición fomente nuevas discusiones. Recibimos material constantemente y lo sometemos a los evaluadores respetando el orden de llegada. La evaluación, sin embargo, no tiene un plazo predefinido, pues depende del tiempo de los evaluadores.

Amália dos Santos, Glória Kok e Maria Rios

Amália dos Santos, Glória Kok e Maria Rios

another project for a rural, nature-rich area. It utilizes native timber from sustainable forest management for a roof structure that facilitates heat exchange and ensures thermal comfort. Next, we have a project in a peripheral urban context, where architect João Pedro Mancini proposes an alternative way of approaching urban waterways, drawing from the traditional knowledge of Afro-Brazilian Communities (Povos Tradicionais de Matriz Africana). Finally, closing issue #5 of Revista América, we have the project designed by Otavio Melo for the Rio-Africa Cultural Center. Developed for an international public competition, it uses architectural design to create a compelling space for memory and culture, deeply rooted in Afro-Brazilian heritage.

Issue #5 of Revista América from Escola da Cidade marks a new chapter for the publication, in which the dossiers of each issue will be the responsibility of one of the school's graduate programs. We begin with the graduate course Cidades em Disputa, coordinated by professors Amália dos Santos and Glória Kok. The articles and projects sections continue their ongoing flow, with peer review and submissions on a rolling basis. We hope that the journey through memory and territory in this edition fosters new discussions. Submissions are constantly received and sent to reviewers in the order they arrive. However, the evaluation does not have a pre-defined deadline, as it depends on the availability of the reviewers.

Amália dos Santos, Glória Kok and Maria Rios

Amália dos Santos, Glória Kok and Maria Rios

#### NOTAS

1. CYMBALISTA, Renato. DOI-CODI. Guia dos lugares difíceis de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2019, p. 8.

#### NOTAS

1. CYMBALISTA, Renato. DOI-CODI. Guia dos lugares difíceis de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2019, p. 8.

#### NOTES

1. CYMBALISTA, Renato. DOI-CODI. Guia dos lugares difíceis de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2019, p. 8.

---

## Dossiê Pós-Graduação

- 14 **Lutar pela memória duradoura e infinitamente**  
Paulo Endo
- 24 **A voz das águas: memória e reparação em debate**  
Mãe Zana
- 42 **De corpo presente: a experiência de caminhar pela história da cidade**  
Paula Janovich
- 62 **Das cartas de perdão ou da publicidade da dor: A linguagem epistolar no contexto das reivindicações e disputas pela memória no Chile**  
Giovane Rodrigues Jardim e Cristiéle Santos de Souza
- 76 **As memórias de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver em seu centenário no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas**  
Ana Paula Brito e Alane Lima
- 82 **Narrativas da persistência: Dopinho e a dinâmica da memória contra o esquecimento**  
Jacqueline Custodio
- 96 **Estradas tortuosas para o Memorial DOI-Codi (São Paulo, Brasil)**  
Deborah Neves
- 112 **Onde bebem os cães: reflexões sobre memória e território na obra de Assis Brasil**  
Maria Clara dos Santos

---

## Artigos

- 122 **Mapeamento online participativo com base nos padrões de projeto**  
Juliete Lenoir e Liza Maria Souza de Andrade
- 132 **Mãe Sylvia da Oxalá: luta e história para patrimonializar o primeiro terreiro de candomblé no estado de São Paulo**  
Eunice Gonçalves Queiroz e Henrique Cunha Junior
- 156 **Os tempos da fotografia de arquitetura e de paisagens urbanas**  
Roberta Felipe Viégas

---

## Projetos

- 152 **Casa Hospedaria para o Assentamento Contestado**  
Leonardo Junior
- 166 **Casa de praia no Igarapé do Papagaio**  
Marcelo de Borborema Correia
- 176 **Sabedoria Marginal: a cidade na ótica ancestral-periférica**  
João Pedro Mancini
- 188 **Projetar na encruzilhada**  
Otavio Melo